

Construído há 40 anos, o Palácio das Indústrias, sede do Sistema Fiep, nasceu cercado de polêmica, mas logo alcançou unanimidade e admiração pelo arrojo da construção



O Palácio das Indústrias em construção, nos anos 60

Um projeto ARROJADO

Quarenta anos atrás, um prédio alto e moderno para os padrões da época começava a tomar forma na região que hoje é o Centro Cívico de Curitiba. Abrigando ainda hoje a sede da Fiep, o edifício, batizado de Palácio das Indústrias, teve sua construção precedida de alguma polêmica – mas logo ficou claro como era necessário.

Até meados da década de 60, as instituições do Sistema Fiep estavam instaladas em locais distintos, na maior parte alugados. A ata da reunião da diretoria da Fiep do dia 4 de outubro de 1960 registra o que foi o primeiro passo para mudar essa situação. O industrial Lydio Paulo Bettega, que foi o segundo presidente da entidade, designou os senhores Germano Augusto Birkholz e Ivo Antonio Facin “para consultar os proprietários de dois terrenos contíguos aos já pertencentes ao Sesi, a fim de verem as possibilidades da aquisição dos mesmos para serem acrescidos à área já de propriedade do Sesi”.

Ao mesmo tempo, foi formada uma comissão para ir a São Paulo conhecer o Centro Social Antonio Devisate, buscando detalhes sobre sua organização, para posterior aplicação na construção da nova sede. Como engenheiro, fiz parte dessa comissão, ao lado do médico Cyro Pereira da Cunha e de Hasdrubal Bellegard, do Departamento Econômico da Federação.

As reações apareceram logo. Durante uma reunião para examinar o anteprojeto do novo prédio, um dos diretores da Fiep acusou Bettega de megalomania. Achava que o novo prédio, com cerca de 7 mil metros quadrados, seria quatro ou cinco vezes maior do que o necessário. Alguns disseram que o local escolhido, na rua Cândido de Abreu, era impróprio e muito fora do centro da cidade. Outros observaram que o local “era um banhado, sujeito a enchentes”.

Como engenheiro e diretor de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura de Curitiba, rebati as críticas. O Sistema Fiep precisava de uma sede compatível com o cres-

cente desenvolvimento da indústria paranaense. Assim, a diretoria resolveu por unanimidade fechar o negócio, por quatro milhões de cruzeiros.

O presidente Bettega nomeou a comissão de construção da nova sede, composta pelos engenheiros Mário De Mari, Ney de Almeida Faria, João Fonseca Mercer e José Isfer. Para a execução foi contratada a Construtora Gutierrez, Paula & Munhoz Ltda, vencedora da concorrência. O arquiteto paranaense Rubens Meister, que aliou primorosa alma de artista aos seus conhecimentos profissionais para fazer um projeto inovador: pela primeira vez em Curitiba um edifício foi concebido de forma que todas as paredes internas poderiam ser demolidas e reconstruídas em novas localizações. A laje dos pavimentos é dupla, com espaço entre uma e outra para permitir a modificação das redes de água, esgoto, eletricidade e de comunicação – vantagem aproveitada agora, 40 anos depois, na reforma recém-executada pela gestão do presidente Rodrigo da Rocha Loures.

Iniciada a obra, alguns diretores manifestaram-se contrários à transferência da sede da Fiep. Os pontos negativos apontados constam em ata do dia 12 de fevereiro de 1962: a Fiep não possui mobiliário próprio; todos os papéis de expediente sofrerão modificação por causa do endereço; a Fiep ficará isolada; haverá perturbação na administração das entidades.

Em 26 de junho de 1964, a diretoria decidiu pela compra, por 70 milhões de cruzeiros, de um andar da sede própria do Sesi para abrigar a Fiep. Concluído em nossa gestão à frente da Fiep, o Palácio das Indústrias foi inaugurado e parcialmente ocupado no ano de 1967. O arrojo e a iniciativa de Lydio Bettega foram confirmados quando, apenas 10 anos depois, o edifício já estava utilizado em sua plenitude.

Mário De Mari foi presidente da Fiep entre 1968 e 1974 (o texto foi complementado por pesquisa do Centro de Memória do Sistema FIEP)